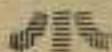


Lyster Franco
Pintor de Arte



O Pintor
Joaquim Porfírio
grande propagandista
de Allongé



Separata do «CORREIO DO SUL»

F A R O

1 9 4 9

1329

ALUNO distinto da Casa Pia de Lisboa, em cujo batalhão escolar atingiu a patente de coronel, o Pintor Joaquim Porfírio, inesperadamente falecido na Capital, faz agora precisamente um ano, nasceu em Alcochete e contava 74 anos de idade.

Matriculou-se na Escola de Belas Artes de Lisboa e, terminando o Curso Geral, escolheu o Curso Especial de Pintura de Paisagem, então regido interinamente pelo académico Joaquim Gregório Nunes Prieto, chamado para aquela regência vaga pela morte do grande Pintor Silva Porto.

Carlos Reis ultimava por esse tempo os seus estudos em Paris e só mais tarde, precedendo concurso, assumiu a regência do Curso de Paisagem.

O professor Nunes Prieto era um artista da Escola Romântica, grande admirador de Tomás da Anunciação—o nosso primeiro pintor animalista—de quem fôra condiscípulo e de quem falava sempre com o maior entusiasmo.

Profundo conhecedor de inúmeros segredos profissionais, especializara-se como decorador e pintor de *naturezas mortas*, produzindo quadros notáveis que figuram actualmente em vários Museus.

Era um filósofo e um erudito, com uma dialéctica muito especial, quase sempre irónica, mas que sabia animar admi-

ravelmente os discípulos, repetindo-lhes com frequência que, às vezes, com uma simples pontinha de lápis se conquista a imortalidade...

E se lhe perguntavam:

— Senhor Professor, posso fazer este estudo?

Logo Mestre Prieto, implacável, se ao aluno faltava competência:

— Poder, pode, mas não deve...



Joaquim Porfírio, estudante aplicado e consciencioso, conquistou boas classificações e soube ser bom amigo e camarada excelente. Apesar do seu posto elevado e dos seus já então fartos bigodes, que confiava a miúdo, com ingénua petulância, não deixava de rir e brincar com os de gradação inferior e com todos os condiscípulos, numa lhanza absoluta que lhe grangeava gerais simpatias.

Nesse tempo, o grupo de alunos da Casa Pia que frequentava a Escola de Belas Artes de Lisboa — *Os Casapiões*, como lhes chamavam, — era constituído por António do Couto Abreu, depois o distinto Arquitecto António do Couto, consciencioso restaurador da Sé de Lisboa, há anos falecido; Pedro Guedes, hoje Pintor laureado por vários trabalhos, professor jubilado da Casa Pia, actual Bibliotecário da Sociedade Nacional de Belas Artes; Joaquim Porfírio, de quem nos ocupamos; José Isidoro de Carvalho Freitas Neto, hoje o Escultor José Neto, com assinalados serviços a Escola-Oficina N.º 1; Raúl Carapinha, actualmente hábil Pintor de flores, e Manuel de Carvalho, falecido antes de terminar o curso, todos capitães.

Era um simpático grupo de rapazes, muito dedicados aos desportos e já quase todos futebolistas distintos, com largo treino no Campo das Salézias, de Belém.

Porfírio também sabia jogar e jogava a qualquer hora e em qualquer lugar, até nos próprios corredores da Escola, largos e sombrios, onde mais de uma vez, com os seus parceiros, foi surpreendido pela passagem dos Mestres, debandando então os jogadores, num rápido salve-se quem puder, para traz das pilastras das arcarias que admiravelmente se prestavam para o efeito. Bons tempos!

A breve trecho, incitados pelos *Casapiões*, os primeiranistas da Escola — os *patanços* —, na giria académica pri-

vativa, constituíam-se em grupos de futebol que faziam a sua aprendizagem na grande placa oval do velho Largo da Biblioteca, sob a vista indulgente da Guarda Municipal, mas com grave risco das vidraças dos prédios circundantes.

Porfírio tinha, porém, singular predilecção pelo *jogo da sardinha*, que jogava com rara habilidade, mas, se acaso perdia, o que era raríssimo, maior era ainda o seu entusiasmo, por encontrar parceiro que o suplantava. Soltava, então, sonoras gargalhadas, francas, comunicativas que, dali a pouco contagiavam toda a assistência.

Sabia rir com o bom riso português, saudável e bem humorado, e a sua conversação era sempre interessante e engraçadíssima, versando profundamente todos os assuntos.

Executou vários quadros a óleo, paisagens, de preferência, que expôs com geral agrado da crítica, na Sociedade Nacional de Belas Artes de que era sócio fundador.

Mas a sua grande predilecção artística, a sua entusiástica preferência, eram os trabalhos a carvão, paisagens ou marinhas, em que chegou a produzir quadros primorosos.

Grande admirador de Allongé e de Karl Robert, cujas obras, então muito discutidas, defendia ardentemente, pode afirmar-se, sem temer contestação, que a Joaquim Porfírio se deve a mais intensa propaganda da Escola destes Mestres no acanhado meio académico daquele tempo.

Ninguém melhor do que ele sabia enaltecer a série maravilhosa dos quadros a carvão, de Decamps, historiando a vida prodigiosa de Sansão e Dalila.

Com entusiasmo empolgante, citava os magníficos modelos para vitrais, carvões primorosos de Flandrin e os quadros de Apian, Bouvin, Atolfo Yvon, Van Dargent, Corbert, Lhermitte e outros Mestres do carvão, quer em figura, quer em paisagem.

Citava-os constantemente, mas sempre a propósito, em críticas serenas e construtivas em que, quase sempre acabava por descrever os assombrosos carvões do nosso imortal Sequeira, Mestre dos Mestres, como orgulhosamente lhe chamava.

— O carvão dá tudo! sintetizava entusiasmado — a questão é saber trabalhar.

E ele trabalhava-o proficiente nente. Ao *manejo* e ao *granitado* de Calâme, de Roquelim e outros, então em voga,

na execução de desenhos de paisagem, contrapunha as grandes massas de tracejado firme, compacto e vigoroso, onde, depois, a raspadeira, o esfumilho ou o miolo de pão iriam abrir ridentes claridades, numa harmoniosa imitação de efeitos muito mais aproximados do esplendor da Natureza.

O seu entusiasmo era veemente e comunicativo e a sua propaganda de tal forma aliciante e convincente que levou os finalistas do Curso Geral desse já remoto ano lectivo de 1895-96. a pedirem ao júri dos exames finais autorização para, em muito mais ampliadas dimensões, executarem o exame final de Paisagem, em estudo do natural, com ponto escolhido pelo júri, mas segundo a Escola de Allongé ou de Karl Robert, em prejuizo dos antigos mestres, cujos trabalhos, reproduzidos em litografias tinham, até então, servido como os meios auxiliares desses exames, limitando-se os examinandos à cópia mais ou menos exacta dessas estampas.

O júri hesitou na concessão. Temia um desastre, tanto mais que as dimensões exigidas eram de 40 por 60 centímetros e os *revolucionários* suplicantes propunham-se a executar trabalhos, cópias directas da natureza, no dobro daquelas dimensões.

Instado, o júri acabou por aceder e não teve de que arrependê-lo, pois esse exame final da cadeira de Paisagem foi uma excelente exhibição de trabalhos, premiada pelas mais altas classificações.

Distinguiram-se, em especial, Fritiof Harald Bergeström, prometedor artista prematuramente falecido e—seja-me perdoada a imodéstia— quem escreve estas linhas. Obtiveram ambos a classificação máxima, 20 valores, ficando os seus trabalhos na posse da Escola e decerto, já hoje devorados pela traça.

Se, porém, a estes incipientes artistas muito agradou a distinção obtida, Porfírio, pode dizer-se, delirou de entusiasmo.

Finalmente a Escola de Allongé vencida a rotina e ingressava, triunfante, no meio académico! Enfim, nos exames finais de Paisagem do Curso Geral se executavam trabalhos reproduzidos fielmente do natural e segundo as regras e preceitos daquele grande Mestre.

Fritiof apresentou um belo quadro. Um lindo trecho da Várzea de Colares, com suas remansosas águas espe-

lhantes e tranquilas, em que as árvores pareciam mirar-se com graciosa galanteria.

O nosso quadro representava uma vereda sombria da Tapada da Ajuda, trecho em que a folhagem das árvores adustas constituia uma verdadeira filigrana, através da qual perpassava a luz esplêndida dos campos circundantes..

Norte Júnior, se bem me recordo, copiou a velha fábrica de grude, de Campolide, com a sua velha ponte de arcos atarracados.

David Estrêla de Melo, o trecho pitoresco de um grande rio que deslisava mansamente sob uma soboboda de arvoredos e em cujas águas Mestre Prieto lamentou, irónico, que não houvesse o singlar de um barquinho. Os demais alunos não desmereceram.

Raramente, até então, se tinham obtido tão elevadas classificações naquela cadeira e tudo se ficou devendo à propaganda de Porfírio e aos seus conselhos proficientes e dedicados. Assim ele obteve o seu mais brilhante êxito como propagandista da paisagem a carvão.

Joaquim Porfírio que foi profissional exímio, executou primorosos trabalhos nesse género, paisagens e marinhas, hoje integradas em selectas colecções de amadores.

Exerceu com proficiência o magistério no Ensino Técnico, em várias escolas da província, sendo por fim transferido para a Escola de Fonseca Benevides em Lisboa, onde atingiu o limite da idade, retirando-se, depois da morte das suas irmãs, com quem vivia, para Torres Novas — a terra de Carlos Reis, seu Mestre no final do Curso, onde fixou residência.

Apaixonado pelos aspectos paisagísticos do nosso País, que conhecia de Norte a Sul, apreciava muito a paisagem algarvia e, sempre que vinha ao Algarve, demorava-se o mais possível em Monchique, Praia da Rocha e arredores de Olhão, documentando-se com valiosos apontamentos de que chegou a utilizar alguns na execução dos seus trabalhos sempre assinalados pela conscienciosa justeza de um bom desenho realçado por ótimos efeitos de claro-escuro.

Além de artista distinto, Joaquim Porfírio foi notável bibliófilo, possuidor de uma valiosa biblioteca iniciada desde os seus tempos de estudante.

Intellectual requintado, conhecia toda a filosofia e a ética da Arte mas nunca alardeava sapiência, antes se apresentava sempre com inexcedível modéstia e notável singeleza.

Era um grande admirador de Henrique Heine, célebre crítico de Arte, poeta e escritor alemão, cujo *Reisebilder*, livro cintilante de impressões de viagem, quase sabia de cór.

Pouco antes de falecer, logo após a morte de suas irmãs, vendeu, desgostoso a sua biblioteca, riquíssima especialmente em magníficas edições de Arte, que na sua maior parte foram adquiridas pela Biblioteca da Sociedade de Belas Artes o que, felizmente, evitou a dispersão.

A sua morte não mereceu grande registo nos periódicos da Capital que lhe reduziram o necrológio a meia dúzia de linhas. Isso, porém, não obsteu que o seu funeral fosse muito concorrido por colegas e alunos e que quantos o conheciam e estimavam, sentissem pelo seu passamento um desgosto profundíssimo.

Eu, o mais obscuro dos iniciados no culto de Allongé pelo Pintor Joaquim Porfírio devia, em consciência, estas desataviadas linhas à sua saudosa memória de excelente colega e amigo dedicadíssimo.

Separatas do «Correio do Sul»

Faro no decorrer do século XIX, <i>pelo Dr. Justino de Bivar Weinholtz</i>	À venda nas livrarias
Santa Maria de Harun e as suas lendas de Amor, <i>pelo Dr. Justino de Bivar Weinholtz</i>	A venda nas livrarias
Algarve de Sonho e Lenda, <i>por Sil- va Tavares</i>	Fóra do Comércio
A pesca do atum na costa do Al- garve, <i>pelo Dr. Mário Lyster Franco</i>	À venda nas livrarias
A 183.^a das Cantigas de Santa Ma- ria do Rei Sábio, <i>pelo Dr. Francisco Fernandes Lopes</i>	Fóra do Comércio
Um Antifonário «Iluminado» do século XVIII <i>pelo P.^o Pinheiro e Rosa</i>	À venda nas livrarias
Duas moedas visigóticas inéditas, <i>por O. da Veiga Ferreira</i>	Fóra do Comércio
Numária de D. João I, <i>por Gonçalo Lyster Franco</i>	À venda nas livrarias
Avante e Santiago, <i>por Cândido Querretro</i>	A venda nas livrarias
Alocução, <i>pelo Dr. Jaime Bento da Silva</i>	Fóra do Comércio
Um deão da Sé de Faro nos fins do século XVI a contas com a In- quisição, <i>pelo Dr. António Baião</i> .	Fóra do Comércio
O Pintor Joaquim Porfírio, gran- de propagandista de Allongé, <i>pelo Pintor Lyster Franco</i>	Fóra do Comércio

NO PRELO :

Médicos que nasceram ou exerce- ram clínica em Faro, <i>pelo Dr. An- gusto da Silva Carvalho</i>	Fóra do Comércio
---	------------------